

2011

Ambientes jesuítas no Brasil à data da Supressão

Maria Cristina Osswald

Universidade do Minho, osswaldcristina@gmail.com

Follow this and additional works at: <http://digitalcommons.asphs.net/bsphs>

Recommended Citation

Osswald, Maria Cristina (2011) "Ambientes jesuítas no Brasil à data da Supressão," *Bulletin for Spanish and Portuguese Historical Studies*: Vol. 35 : Iss. 1 , Article 5.

Available at: <http://digitalcommons.asphs.net/bsphs/vol35/iss1/5>

This Article is brought to you for free and open access by Association for Spanish and Portuguese Historical Studies. It has been accepted for inclusion in *Bulletin for Spanish and Portuguese Historical Studies* by an authorized editor of Association for Spanish and Portuguese Historical Studies. For more information, please contact jesus@udel.edu.

Ambientes jesuítas no Brasil à data da Supressão

CRISTINA OSSWALD

Universidade do Minho e CITCEM- Universidade do Porto

Introdução

Quatrocentos e cinquenta e cinco jesuítas viviam na Província do Brasil e cento e cinquenta cinco na Vice - Província do Maranhão à data da Supressão da Companhia de Jesus em Portugal e no seu império em 1759. Estas comunidades formadas por religiosos (padres, irmãos e noviços), e, por norma, incluindo ainda servos e/ ou escravos, distribuía-se por dezanove colégios, oito seminários, vários hospitais, setenta e cinco missões, cinquenta e três residências, e ainda inúmeras casas de recreação, noviciados e casas para a prática dos Exercícios Espirituais.¹

Neste texto, pretende-se reconstruir algumas tendências marcando a concepção e a organização dos ambientes não religiosos, isto é, espaços interiores não religiosos das instituições jesuítas no Brasil nesta época. Nesse sentido, iremos analisar objectos de mobiliário, trabalho, decoração, colecionismo, lazer, e devoção, tendo em conta os espaços onde estes se encontravam: os espaços de uso comunitário e os espaços privados.

Uma questão importante que nos colocamos é saber, se os interiores destas casas religiosas seguiam, ou se, pelo contrário, diferiam das tendências decorativas coevas. Neste sentido, relembramos o facto que os jesuítas, enquanto membros duma ordem religiosa, estão obrigadas ao voto de pobreza. Pelo contrário, o séc. XVIII foi uma época claramente caracterizada, em termos culturais e artísticos, por um discurso de luxo e riqueza. Neste

¹ Alden, Dauril, "Economic aspects of the expulsion of the Jesuits from Brazil: A preliminary report", in *Conflict and continuity in Brazilian society*, ed. Henry H. Keith and S. F. Edwards, Columbia, South Carolina: University of South Carolina Press, 1969), 27.

contexto, enquadram-se ainda eventuais práticas privadas e/ ou colectivas de colecionismo, tais como a moda do exotismo.

De igual modo, procuraremos inferir se o contexto geográfico - cultural brasileiro, obrigatoriamente diferente do contexto europeu, teria tido reflexos a nível de concepção, ocupação e distribuição dos objectos nos espaços interiores.

Finalmente, consideramos essencial observar se e de que modo os ambientes das casas jesuítas reflectiriam o carácter socialmente estratificado da sociedade contemporânea e da própria Companhia de Jesus. Por outras palavras, trata-se de observar se os objectos que caracterizavam os interiores destinados aos membros ocupando lugares superiores na hierarquia da Companhia (provinciais, visitantes, professores) ou os visitantes mais ilustres (bispos, governadores) teriam tido uma concepção claramente distinta dos espaços destinados respectivamente à restante comunidade e aos outros visitantes.

Objectos de uso quotidiano (mobiliário, objectos de iluminação, higiene, decoração, colecionismo, lazer)

A análise da documentação consultada leva-nos a concluir que os objectos presentes nos espaços domésticos ou não religiosos das casas jesuítas no séc. XVIII se caracterizavam por uma relativa pobreza ou modéstia.² No que se refere ao mobiliário, observamos uma limitação de tipologias e uma tendência para a indiscriminação ou a multi - funcionalidade. Eram, por exemplo, comuns assentos com espaço no seu interior para guardar objectos e arcas servindo de assentos. De igual, modo, e, à semelhança do que acontecia em Portugal, a difusão das cómodas - papelarias ter-se devido à polivalência

² Entre a bibliografia consultada, para além da bibliografia secundária relativa a mobiliário e artes decorativas no Brasil, em Portugal e na Europa, destaco os inventários realizados por motivo da Supressão da Companhia de Jesus no Brasil e em Portugal (uma parte dos inventários portugueses está incluída na coleção *Documentos para a história de Arte em Portugal*). Tenho ainda que referir inventários de bens em colecções religiosas e civis no Brasil, como os inventários dos bens das pessoas condenadas pela Inquisição no Brasil e publicados pela historiadora Anita Novinsky e dos participantes na revolta independentista de 1789 denominada de Inconfidência Mineira e publicados por Rodolfo Garcia. (*Documentos para a história da arte em Portugal*, ed. Raul Lino, Luís Silveira and A. H. de Oliveira Marques, 16 vols (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969-1991); Anita Novinsky, *Inquisição: inventários de bens confiscados a cristãos novos: fontes para a história de Portugal e do Brasil (Brasil - século XVIII)* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional Casa da Moeda/ Livraria Camões, 1976); e Rodolfo Garcia, *Autos da inconfidência mineira*, 7 vols (Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1936-1938).

deste mesmo móvel. Pois, este móvel serve para guardar (tem geralmente quatro ou cinco gavetas no seu corpo inferior), para nele se escrever e ainda pode ser utilizado como suporte de um outro corpo superior.³

No que se refere aos móveis de assento individuais, destacavam-se, pela sua frequência, pequenos bancos⁴ ou escabelos, tamboretas, ou seja, simples assentos em madeira sem braços nem espaldar, e cadeiras sem braços.⁵ O sequestro do espólio da Fazenda de S. Cristóvão, no Rio de Janeiro, refere ainda uma “trepeça” ou tripeça, isto é, um assento de três pés.⁶

Entre os móveis de assento colectivo, predominavam os arquibancos, que são assentos de madeira geralmente constituídos por uma arca munida de braços e de espaldar.⁷ Existiam, no entanto, embora raramente, cadeiras de braços e de encosto e cadeiras forradas a tecidos preciosos, como o damasco, cadeiras de espaldar com pregaria e sola (couro) lavrada.⁸ Naturalmente, os assentos mais luxuosos destinavam-se, em especial, ou mesmo, em exclusivo, ao uso dos “hóspedes mais graves”, como bispos ou governadores.⁹ No

³ Carlos Franco, “O mobiliário nas casas das elites lisboetas na segunda metade do séc. XVIII, Mobiliário português,” in *Actas do 1º Colóquio de Artes Decorativas*, ed. Isabel Meyer Godinho (Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 2008), 77.

⁴ No inventário dos bens dos jesuítas realizado na Capitania de São Paulo são mencionados banquinhos de dois e três palmos de largura por cinco ou seis palmos de comprimento. (Arquivo Nacional do Rio de Janeiro [ANRJ], *Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Cód. 481, Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 1771*, f. 84)

⁵ Archivum Romanum Societatis Iesu [ARSI], *Bras. 28, Inventário do Colégio do Pará (1763)*, ff. 9v e 10; *Inventário do que possuía a Fazenda do Marajó (1761)*, ff. 12v-13; *Inventário da Fazenda de Tabeatinga (1761)*, f. 10; *Inventário do Colégio do Maranhão (1761)*, f. 27; e ANRJ, *Cód. 481, Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 1771*, f. 84.

⁶ A. J. Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, *Archivo do Districto Federal, revista de documentos para a história da cidade do Rio de Janeiro II (1895)*: 144.

⁷ Por exemplo, o *Inventário da Casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia* no Pará continha a referência a “onze arquibancos de vinte ou mais palmos na escola, varanda, classe e refeitório”. (ARSI, *Bras. 28, Inventário da Casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia (1761)*, f. 15)

⁸ “Carta de Francisco Xavier de Mendonça Furtado a Francisco Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão - General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, ed. lit. Marcos Carneiro de Mendonça, vol. I (Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963): 328.

⁹ ARSI, *Brasil 28, Inventário da casa de exercicios e religiosa recreação de Nossa Senhora Madre de Deus, da Companhia de Jesus, seus bens móveis, e de raíz, e suas fazendas, conforme ao estado em que ficarão ao tempo de nossa supressão em Junho de 1760*, f. 36.

Colégio do Maranhão havia cadeiras próprias para os mestres nas salas de aula e cadeiras para os reitores nos refeitórios.¹⁰

Entre os assim - designados móveis de repouso, destacavam-se as barras em ferro ou em madeira características dos ambientes eclesiásticos do Portugal contemporâneo. Outras vezes, os padres e os restantes membros destas comunidades religiosas dormiam em barras de couro ou mesmo nas redes de tradição índia local. Na Fazenda de S. Cristóvão existiam barras de pau toscas com assentos de couro cru.¹¹ Conhecemos referências a sumptuosos leitos torneados e com bilros feitos no Brasil e executados em ricas madeiras locais torneadas, como o jacarandá ou o vinhático, e porventura chapeadas.¹² Sabemos ainda que estes leitos podiam ser encimados por ricos cortinados, por exemplo, de chamalote (tecido de lã ou pêlo de camelo com seda).¹³ Dado o facto de os membros destas comunidades serem, muitas vezes, itinerantes, os mesmos levavam, durante as suas viagens, camas ou leitos leves de campanha. O clima tropical determinou, de igual modo, a proliferação de “bons mosquiteiros”.¹⁴

Móveis simples, como baús e canastras, porventura de couro, caixas ou caixões (caixas de grande dimensão) e frasqueiras (arcas em madeira com compartimentos para os frascos) formavam as tipologias de mobiliário de conter ou guardar mais difundidas. Eram também frequentes singelas estantes para guardar todo o tipo de objectos, desde livros a roupa e objectos de uso officinal (instrumentos usados, por exemplo, nas olarias, nas carpintarias, pelos alfaiates ou pelos sapateiros).¹⁵

No entanto, os ambientes jesuítas do Brasil assistiram, de igual modo, à difusão de mobiliário mais rico e com um uso específico, que se desenvolveu e afirmou nos ambientes europeus, em grande parte, entre finais do séc. XVII e o séc. XVIII. Para além dos raros leitos luxuosos supra referidos, devem ser mencionados contadores (móveis de gavetas usado para guardar documentos e valores), bofetes (mesas ornamentadas, que, no caso do Brasil, eram,

¹⁰ ARSI, *Brasil 28, Inventário do Colégio do Maranhão (1761)*, f. 23v.

¹¹ Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit., 142-143.

¹² Por exemplo, entre os bens sequestrados aos jesuítas na Fazenda de Santa Cruz do Rio de Janeiro, encontrava-se um leito de jacarandá torneado feito na Baía. (Melo Morais Filho, “Treslado do autto do inventário da real fazenda de Santa Crus e bens que nella se acharam”, 6 de Maio de 1768”, *Archivo do Districto Federal, revista de documentos para a história da cidade do Rio de Janeiro I* (1894): 73).

¹³ ANRJ, *Cód. 481, Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 1771*, f. 90v.

¹⁴ “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit. vol. I, 328.

¹⁵ ANRJ, *Cód. 481, Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 1771*, f. 90.

sobretudo, usadas para se escrever), papelarias ou papelarias -estantes, e ainda cómodas - papelarias e escrevaninhas.¹⁶

Os armários, móveis em altura, também marcaram a organização espacial das casas jesuítas, à semelhança do que acontecia nos ambientes laicos e eclesiásticos portugueses contemporâneos. No caso das comunidades jesuítas, os armários, cujo modelo mais comum no séc. XVIII era realizado em madeiras de qualidade inferior e, por isso, pintadas, e tinha duas meias portas em baixo e caixilhos de vidraças em cima, serviam para guardar tanto objectos de culto (alfaias litúrgicas), como objectos de uso quotidiano.¹⁷ Aliás, o facto dos armários serem usados para guardar louça na cozinha, espaço não nobre, e a existência de armários portáteis indiciam uma vulgarização desta tipologia de mobiliário.¹⁸ Pelo contrário, entre os jesuítas do Brasil, as bocetas (cofres ou arcas de pequena dimensão) tinham, sobretudo, a nobre função de guardar remédios nas boticas ou farmácias dos colégios e de outras instituições.¹⁹

As mesas, principal móvel de suporte, eram executadas em madeira. A sua dimensão variava naturalmente de acordo com a sua função, antes de mais, se estavam destinados ao uso privado ou ao uso colectivo. Uma das tipologias de mesas mais comum consistia em mesas com gavetas. Esta mesma tipologia incluía mesas de diferente tamanho e uso, desde mesas para as refeições até mesas pequenas com fechaduras e destinadas a guardar objectos de importância, por exemplo, objectos em ouro.²⁰

As bancas, mesas rectangulares para escrever ou pousar livros, eram também comuns nos espaços jesuítas. Para além de serem usadas como mesas de apoio nos refeitórios e ainda nos cubículos, estas mesas em madeira ou em madeira e couro e que podiam ter um número variável de gavetas eram sobretudo usadas por pessoas ocupadas em actividades manuais, como sapateiros, carpinteiros, cozinheiros (bancas de picar a carne). Serviam ainda como suporte de selas de cavalos.²¹

¹⁶ José Jorge da Costa Couto, *O Colégio dos Jesuítas do Recife e o destino do seu património (1759-1777)*, vol. I, *Tese de mestrado em História Moderna de Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 181.

¹⁷ A título de exemplo, na portaria do Seminário do Pará existiam “2 almarios da m.^a grandeza em que se recolhiam os fontaes, castiçais, e outros trastes pertencentes à Igr.^a.” (ARSI, Bras. 28, *Inventário do Colégio do Pará (1761)*, f. 10)

¹⁸ A cozinha do Colégio do Pará tinha dois armários, nos quais se guardava louça de barro e estanho. Por sua vez, a roupa de mesa era guardada num armário portátil no refeitório. (ARSI, Bras. 28, *Inventário do Colégio do Pará (1761)*, f. 10 e f. 13v)

¹⁹ ARSI, Bras. 28, *Inventário da Fazenda de São Caetano (Pará), 1761*, f. 17v.

²⁰ ANRJ, *Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Cód. 481*; e ANRJ, *Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 177*, f. 90.

²¹ Arquivo Histórico Ultramarino [AHU], *Cód. 98, Livro de registo de provisões do Conselho Ultramarino, Ofício de Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, Doc. 7690*, ff. 4-5; Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e

Algum deste mobiliário era importado de Portugal, como demonstra o facto do mesmo ser executado em pinho ou cedro. No entanto, à semelhança dos leitos supra mencionados, grande parte do mobiliário era executada nas ricas madeiras locais, com especial destaque para o jacarandá e o vinhático, também conhecido por madeira ou pau amarelo, devido à sua tonalidade. Pensamos, aliás, que a proliferação de mobiliário em madeiras locais nas casas jesuítas terá sido favorecida pela atribuição pela Coroa à Companhia do monopólio do corte destas madeiras entre 1620 e 1650.²² A palha era usada na realização de canastras, cestas, e balaios, que eram recipientes de fabrico local e que tinham a configuração de alguidares, servindo para guardar farinha.²³

O uso indiscriminado de uma panóplia de termos diferentes pela documentação portuguesa da Época Moderna para o mesmo objecto de iluminação e o significado actual diferente dos mesmos léxicos torna a análise deste aspecto particularmente difícil. Entre as fontes de iluminação mais comuns, aparecem mencionados candeeiros de mesa ou de parede e realizados em arame (metal amarelo), metal branco ou de folha da Flandres de vários lumes (1, 2 ou 3),²⁴ candeeiros ingleses, candeeiros em cobre, ferro ou “gravato”²⁵ e tendo um número variável de bicos, lanternas de madeira, metal (latão) e vidro, e folha da Flandres, lanternas ou placas de luminárias, lampiões de vidro ou folha da Flandres, lâmpadas.²⁶

terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit.,130; e ANRJ, *Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Cód. 481, Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 1771*, f. 90.

²² Pedro Costa Pinto, *O móvel de assento português do século XVIII: em coleções do Norte* (Lisboa: Mediatexto, 2005), 45.

²³ Ernesto Cruz, “Sequestro dos bens dos regulares da Companhia de Jesus no Pará, Maranhão e Piauí”, *Anais do Congresso Comemorativo do Bicentenário da Transferência da Sêde do Governo do Brasil* (1963), vol. II (Rio de Janeiro: Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, 1967), 21; AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, Ofício de Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, D. 7690*, f. 4; ANRJ, *Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Cód. 481, Auto do Inventário dos bens dos Jesuítas na Capitania de S. Paulo, 1771*, op. cit, f. 91.

²⁴ Por exemplo, lampadário, lustre ou lampião era uma espécie de castiçal de muitos braços e lumes normalmente usado nas igrejas. Os candeeiros, as candeias ou lâmpadas eram vasos de lata, folha da Flandres ou outra matéria, nos quais se deitava azeite com torcida para iluminar. (Rafael Bluteau, *Vocabulário Português e Latino aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero*, vol. II e vol. V (Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 e 1716), 20 e 97-98.

²⁵ Candeias de gravato são pequenas candeias em madeira sem pé e com pequeno gancho donde são penduradas. (Bluteau, *Vocabulário Português e Latino*, op. cit., vol. V, 98)

²⁶ Melo Morais Filho, *Treslado do autto do inventário da real fazenda de Santa Cruz e bens que nella se acharam*, op. cit., 90; Couto, *O Colégio dos Jesuítas do Recife e o destino do seu património (1759-1777)*, op. cit., 184; e Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit.,130.

Embora mais raramente, porquanto se tratava de objectos de maior valor, também lampadários com balaústres, de cristal ou porcelana, castiçais ou candelabros e palmatórias em prata (castiçais de pau com forros dourados), e castiçais com serpentinhas de quatro lumes serviam não só para iluminar, como seriam importantes na decoração interior.²⁷

A busca de se instituir uma vida comunitária organizada foi, com certeza, um factor que determinou a proliferação de relógios para uso privado e colectivo. De facto, nas instituições jesuítas de Setecentos eram frequentes relógios de parede em espaços comunitários (refeitórios, livrarias, corredores), assim como relógios despertadores no interior dos cubicalae, ou seja, quartos de dormir individuais.²⁸

A preocupação com a higiene entre as comunidades jesuítas do Brasil encontra-se reflectida na profusão de toalhas para as mãos e também de toalhas e guardanapos de mesa (a roupa de mesa devia ser mudada duas a três vezes por semana) em algodão ou linho, no facto dos indivíduos que serviam à mesa usarem aventais e ainda na divulgação de objectos distintos para a manutenção da higiene.²⁹ Ou seja, são feitas referências frequentes a lavatórios em pedra ou cobre, almofias (recipientes pouco profundos, mas de fundo largo que servem principalmente para lavar as mãos), bacias ou gamelas na terminologia da época, conjuntos de bacias e gomis ou jarras de cobre, latão, estanho e raramente barro para lavar as mãos, para a fazer a barba ou para sangrar (na época, os barbeiros eram, em simultâneo, sangradores) e que, por vezes, eram acompanhados de estojos com navalhas, pedra e tesouras, penteadores (roupões ou toalhas, que se colocam nos ombros de quem se penteia ou corta o cabelo). Destacamos ainda bacias ou tinas grandes de tomar banho, objectos que, à época, eram muito raros em Portugal, mesmo nas casas mais ricas.³⁰

Verificamos, portanto, que, a nível de práticas de higiene, no séc. XVIII, os jesuítas do Brasil seguiam práticas apenas acessíveis às elites. Pois,

²⁷ AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, Ofício de Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, D. 7690*, f. 4; “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, in *A Amazónia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit, vol. I, 326.

²⁸ Melo Morais Filho, *Treslado do auto do inventário da real fazenda de Santa Cruz e bens que nella se acharam*, op. cit, 130; ARSI, *Bras. 28, Lista do que tinha o Colégio do Pará na Fazenda de Itybarajuba (1760)*, f. 13v

²⁹ Melo Morais Filho, *Treslado do auto do inventário da real fazenda de Santa Cruz e bens que nella se acharam*, op. cit., 95.

³⁰ ARSI, *Bras. 28, Inventário do Seminário do Pará (1761)*, f. 11; Arquivo Público do Estado da Bahia [APEB], *Maço 603, Caderno 2, Inventário dos móveis encontrados no Hospício dos missionários da Aldeia do Espírito Santo, elevada a Vila de Abrantes*, f. 132; Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit.,130.

o uso de objectos distintos para os vários aspectos da higiene e sobretudo a prática de tomar banho em tinas ou bacias com água previamente aquecida eram exclusivos das elites.³¹

Não obstante o facto de se tratar de casas de religiosos, estes espaços eram, muitas vezes, decorados com ricas obras de pintura, escultura e cartografia. Os responsáveis das casas jesuítas do Brasil fomentavam a arte para suscitar a devoção individual e colectiva tanto dentro como fora da comunidade. Neste sentido, as paredes dos refeitórios eram, por norma, decoradas com quadros de temática religiosa. Tal como na metrópole, a Última Ceia, outros temas cristológicos e iconografias relativas a Nossa Senhora e santos eram os temas predominantes. De igual modo, o recheio das portarias e das salas para os visitantes externos incluía, por norma, estatuária e pintura religiosa. Era o caso da sala de visitas da casa de Nossa Senhora da Madre de Deus, na qual existiam dois painéis grandes e que teriam sido importados de Itália.³²

Em especial, a profusão de porcelana, mas também a moda de louça e caixas de relógio acharoadas “à chinesa”, assim como o apreço por dentes ou esculturas em marfim, caixas em tartaruga e outros objectos em materiais naturais de proveniência oriental, tal como o bazar ou bezoar (pedras que se encontravam no estômago de um grupo de cabras vivendo em Lara, Pérsia, e dos porcos espinhos selvagens do Sudeste insular da Ásia), pedras de unicórnio, demonstram que o colecionismo de orientalia era uma realidade entre os jesuítas do Brasil no séc. XVIII.³³

O lazer, do qual fazia parte o jogo, era uma componente essencial na concepção jesuíta do quotidiano. O lazer era considerado um factor necessário para se conservar a saúde, como demonstra a obrigação de todos os colégios terem quintas ou cercas para a recreação dos seus membros. De acordo com os espólios das casas jesuítas brasileiras, o jogo do taco (jogo semelhante ao jogo do bilhar), o jogo das damas, o xadrez, e os dados eram jogos muito populares. Aliás, a Fazenda de S. Cristóvão tinha mesmo um aposento destinado para o jogo do truque.³⁴

³¹ Luís Nuno Madureira, *Lisboa: luxo e distinção: 1750-1830* (Lisboa: Fragmentos, 1990), 43.

³² ARSI, *Bras. 28, Inventário da casa de exercícos e religiosa recreação de Nossa Senhora Madre de Deus, da Companhia de Jesus, seus bens moveis, e de raiz, e suas fazendas, conforme ao estado em q. ficarão ao tempo de nossa suz.a em Junho de 1760*, f. 36.

³³ ARSI, *Bras. 28, Inventário do Seminário do Maranhão*, f. 9v; e *Lista do que possuía o Colégio do Maranhão na Fazenda de S. Bras em tempo em que a sequestrou para fazenda real Ignacio Gomes Leitão a 10 de Junho de 1760*, f. 30.

³⁴ Melo Moraes Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit., 142.

Da preparação ao consumo de alimentos e bebidas

Sem dúvida, as comunidades jesuítas do Brasil estavam a par dos requintados hábitos de mesa contemporâneos, durante o período em estudo. Para além de rituais elaborados, referimos a progressiva diversidade de objectos relacionados com a ingestão e a preparação dos alimentos.

Cozinhava-se em fornos de cobre. Em geral, os recipientes para cozinhar os alimentos eram colocados sobre trempes, isto é, arcos de ferro sobre os quais se colocava a panela ao fogo.³⁵ Os recipientes usados na preparação das refeições eram executados em barro, ferro, porventura ferro coado, cobre, e em madeira, embora raramente. A variedade dos objectos usados na preparação e na distribuição dos alimentos aos comensais reflecte a diferente natureza dos produtos alimentares e ainda os vários procedimentos de preparação. Alguidares, almofarizes (vasos para moer ou pisar os alimentos), coadores e funis eram igualmente objectos obrigatórios nas cozinhas jesuítas do Brasil de Setecentos.

Para além de caldeirões, caçarolas, tachos ou panelas, que podiam ser usadas de modo diverso na preparação dos alimentos (cozer, assar), eram comuns os recipientes designados nas fontes documentais por escalfadeiras, frigideiras e assadeiras.³⁶ Entre os talheres mais usados pelos cozinheiros, encontravam-se as escumadeiras, uma espécie de colheres repletas de furos para escorrer os líquidos das panelas, colheres e garfos de cobre ou ferro, espetos, e facas de cozinha, incluindo machados de cozinha e facas de picar carne.³⁷

As conservas de frutas, pelas quais, os jesuítas se notabilizaram (os jesuítas do Brasil começaram a exportar estas conservas para a Europa durante o séc. XVI), eram guardadas em boiões de vidro, enquanto nos alguidares de barro se guardava produtos alimentares sólidos, como o arroz, a farinha.³⁸

³⁵ ANRJ, *Junta da Fazenda da Província de São Paulo EG, Códice 481*, f. 38; Arquivo Público do Estado da Bahia [APEB], *Maço 603, caderno 2, Inventário dos móveis encontrados no Hospício dos missionários da Aldeia do Espírito Santo, elevada a Vila de Abrantes*, f. 132.

³⁶ Arquivo do Tribunal de Contas [ATC], *Junta da Inconfidência, vol. 236, Conta do rendimento e da despesa das fazendas e mais bens possuídos na Capitania de S. Luís do Maranhão, 1760-1761*, f. X.

³⁷ AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, Ofício de Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, D. 7690*, f. 4; e Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit., 130.

³⁸ ARSI, *Bras. 28, Inventário da Fazenda de Tabatinga (1761)*, f. 17 e f. 23v.

Encontramos ainda a referência a marmitas de cobre de tamanho diverso e canastras para transportar os alimentos.³⁹

Os serviços ou aparelhos de jantar das comunidades jesuítas compreendiam os variados objectos que faziam parte dos seus congêneres europeus mais elaborados. Os assados eram, se possível, servidos em palanganas, espécie de bacias ou tabuleiros. A terrina, recipiente coberto e destinado a conter sopa (neste caso, também designada por sopeira) ou vegetais era, no séc. XVIII, peça principal de uso doméstico, incluindo nos ambientes em análise. A plêiade de objectos usados durante as refeições, tais como terrinas, salseiras (vasos em que se trazia a salsa para a mesa), pimenteiros, saleiros, mostardeiras e paliteiros, objectos, algumas vezes, executados em materiais nobres como a porcelana ou a prata, reflecte, portanto, o crescente requinte dos hábitos alimentares no séc. XVIII.

Compreensivelmente, os serviços ou aparelhos de jantar das comunidades jesuítas do Brasil incluíam dois objectos próprios do ritual jesuíta, em sentido lato. Falamos dos “jacaréus” ou “jacareos”, copos individuais de estanho para o vinho com cerca um quartilho e meio, e dos pratos de porção, que eram os pratos individuais confeccionados na cozinha antes de serem distribuídos pelos comensais.⁴⁰

Na terminologia documental a primeira grande distinção da louça é entre “louça grossa” e “louça fina”. Outras vezes, a louça é referida de acordo com a sua função: louça de cozinha, louça de meia-cozinha, louça de mesa. A assim chamada louça grossa inclui a louça feita localmente e denominada louça de barro caboclo, que era louça realizada em barro não vidrado. Afigura-se-nos como muito provável que esta louça fosse um tipo de louça de grande uso nas casas da Companhia do Brasil. Por um lado, este tipo de louça era predominante no Brasil. Por outro lado, uma parte considerável das instituições jesuítas no Brasil possuía importantes olarias.⁴¹ No entanto, os inventários realizados por altura da Supressão da Companhia de Jesus referem sobretudo serviços completos de louça em barro vidrado.⁴² Aparece ainda

³⁹ “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, in *Amazónia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit., vol. I, 327.

⁴⁰ Maria Cristina Osswald, “Interiores das casas jesuítas por altura da Supressão: Excertos dum Quotidiano”, in *Actas do Congresso Internacional Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, Memória, Presenças e Diásporas*, coord. José Eduardo Franco, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian). (em publicação)

⁴¹ Francisco M. dos Santos, *As artes plásticas no Brasil, louça e porcelana* (Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968), 32.

⁴² Por exemplo, no refeitório do Colégio do Maranhão guardava-se quarenta e oito pratos de barro vidrado. (ARSI, *Brasil 28, Inventário do Colégio do Maranhão*, f. 27).

mencionada louça em barro importada da Europa, por exemplo, da cidade do Porto.⁴³

Era comum a louça em estanho, nomeadamente na cozinha, devido ao seu baixo preço.⁴⁴ Em simultâneo, afirmou-se o gosto pelo luxo expresso numa apetência por baixelas de porcelana e copos e recipientes em vidro de Veneza e em cristal que caracterizava a sociedade europeia e brasileira de Setecentos.⁴⁵ Motivado pela riqueza da própria comunidade, o espólio do Colégio do Maranhão compreendia nada menos que “30 duzias de peças de louça da Índia e Veneza de varias grandezas”.⁴⁶

O vinho era, tal como a água, de consumo praticamente obrigatório nos refeitórios das casas jesuítas do Brasil. O vinho podia ser guardado em frascos ou em garrafas. A água era guardada em botijões, talhas, garrafões e potes, à semelhança de vários outros líquidos, como o mel ou o azeite.⁴⁷ Servia-se a água e o vinho, por norma, em jarros. De acordo com a carta escrita pelo Governador Francisco Xavier de Mendonça, estes jarros ou vidros eram como galhetas, mas sem asas.⁴⁸

Para beber água, usava-se copos de estanho, como era o caso dos jacarés antes mencionados, vidro, e ainda copos ou recipientes em barro, que, no Brasil, eram designados por cuias. No caso dos copos de vidro, destacavam-se os copos em vidro branco. Preferencialmente, o vinho deveria ser tomado em copos mais pequenos que os copos usados para beber a água.⁴⁹ Curiosamente, na Fazenda de Santa Cruz, bebia-se aguardente velha em copos

⁴³ Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit., 143.

⁴⁴ Melo Morais Filho, “Auto de sequestro feito na Fazenda de São Cristóvão e terras a ella pertencentes (1759)”, op. cit., 130; e ARSI, *Brasil 28, Inventário do Seminário do Pará (1761)*, f. 4 e ff. 9v-11.

⁴⁵ Piedade Braga Santos, Teresa Ferreira Rodrigues e Margarida Sá Nogueira, *Lisboa setecentista vista por estrangeiros* (Lisboa: Livros Horizonte, 1996), 24; e Santos, Francisco M. dos: *Artes Plásticas no Brasil*.

⁴⁶ ARSI, *Bras. 28, Inventário do Colégio do Maranhão (1761)*, f. 27v.

⁴⁷ ARSI, *Bras. 28, Inventário do Colégio do Maranhão (1761)*, f. 27, “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, in *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit., vol. I, 326.

⁴⁸ “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, in *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão-General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit., vol. I, 326.

⁴⁹ ARSI, *Bras. 28, Lista do que actualmente ficou na casa de N. Senhora do Pilar da Companhia de Jesus na Vila de Tapuytaperá (Maranhão), no tempo em que della nos expulsarão, que foi aos 16 de Junho de 1760*, f. 33v.

feitos com as cascas dos cocos locais.⁵⁰ No Hospício do Espírito Santo foi ainda encontrado um conjunto de copos de vinho e água em cristal.⁵¹

Os jesuítas de Setecentos no Brasil consumiam aguardente, em grande parte, realizada localmente nos alambiques das próprias instituições.⁵² Sabemos que a aguardente era guardada em frascos no interior de frasqueiras próprias, mas desconhecemos, se existiriam copos próprios para o seu consumo. Pelo contrário, pequenos copos sem asas nem pé eram considerados os copos mais adequados para se tomar “vinhos finos” (vinhos de qualidade servidos à sobremesa).⁵³ Na nossa opinião, copos e frasqueiras de cristal terão sido usados na recepção dos hóspedes mais ilustres, seguindo assim o costume europeu.

Para além do café e do chocolate de produção local, os jesuítas do Brasil também apreciavam chá importado do longínquo Oriente. O apreço por estas bebidas encontra-se representado pela difusão de objectos específicos para a sua preparação e para o seu consumo. Também neste contexto verificamos que os objectos relacionados com a preparação e o consumo destas bebidas acompanhavam a moda da época. Entre os jesuítas do Brasil, o café era servido nas cafeteiras que, na Europa, se tinham difundido a partir de Inglaterra em finais do séc. XVII. O chocolate era preparado e distribuído em recipientes designados por chocolateiras, que só começaram a fazer parte dos serviços de mesa no séc. XVIII.⁵⁴ Mencionamos ainda “caldeiras de aquecer água para o chá”, e bules para a sua distribuição.⁵⁵ Finalmente, o chá, o café e o chocolate eram tomados em chávenas próprias.⁵⁶

Os talheres, que incluíam sempre colheres, facas e garfos, eram, por norma, de latão. Membros individuais ou as próprias comunidades jesuítas tinham, no entanto, de igual modo, faqueiros em prata e ainda faqueiros formados por talheres com cabo de prata, como também acontecia, aliás, entre

⁵⁰ AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, Ofício de Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, D. 7690, f. 5.*

⁵¹ APEB, *Maço 603, caderno 2, Inventário dos móveis encontrados no Hospício dos missionários da Aldeia do Espírito Santo, elevada a Vila de Abrantes, f. 132.*

⁵² Por um lado, o vinho era um bem mais escasso e de maior custo. Por outro lado, uma parte das comunidades era formada por locais.

⁵³ “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, in *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão - General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit. vol. I, 326.

⁵⁴ Maria Antónia Pinto de Matos, *Porcelana de encomenda na colecção Jorge Mota*, in *Um olhar do Porto, Uma Colecção de Artes Decorativas*, ed. Anísio Franco (Funchal: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 2005), 35-36.

⁵⁵ ARSI, *Bras. 28, Inventário do Colégio do Pará (1761)*, f. 13; “Carta a Fr. Luís Ferreira, Pará, 22 de Novembro de 1752”, in *A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do Governador e Capitão - General do Estado do Grão Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado*, op. cit., vol. I, 326.

⁵⁶ ARSI, *Bras. 28, Inventário da Fazenda de Gibrié (1761)*, f. 12.

os leigos de maiores posses.⁵⁷ Entre os talheres de cozinha, eram frequentes talheres em parte (cabos) ou totalmente em ferro, sendo talheres com “cabo de xifre” usados para servir os alimentos durante os repastos.⁵⁸

Finalmente, as toalhas de mesa e os respectivos guardanapos eram, sobretudo, de algodão e, por isso, muito provavelmente, de fabrico local. A documentação menciona ainda toalhas e guardanapos executados em linho e em pano de Guimarães e mais raramente em pano do Porto.⁵⁹

Ambientes comunitários (os refeitórios, as livrarias, as portarias, os aposentos destinados a guardar determinados objectos, os corredores e as retretes)

A concepção e a decoração dos refeitórios era, sem dúvida, de primordial importância para a compreensão dos ambientes em análise. O refeitório, enquanto principal espaço da vida comunitária em religião, ilustra, mas também serve para afirmar concepções não só materiais, como espirituais ou religiosas da respectiva comunidade. Pois, este espaço não se destina apenas ao consumo colectivo de alimentos, como também à oração, à reflexão e a ouvir sermões. Ou seja, rituais religiosos próprios tiveram amplos reflexos a nível da organização e concepção deste espaço. Neste sentido, a leitura diária de livros religiosos introduzida em 1553 entre as comunidades jesuítas significou a proliferação de púlpitos laterais e, sobretudo, de “cadeiras de ler à mesa”, ou seja, cadeiras distintas para os leitores nos refeitórios das comunidades jesuítas, incluindo no Brasil.⁶⁰

O número de mesas nos refeitórios era muito variável, de acordo com a dimensão da própria comunidade (no Colégio do Pará existiam seis mesas), e devido ao facto do ritual alimentar jesuíta pressupor que os diferentes grupos da comunidade (padres, noviços, estudantes) e os visitantes deveriam tomar as suas refeições em mesas separadas. O mesmo ritual determinava que as refeições fossem servidas em dois horários ou turnos distintos, as chamadas mesas na “linguagem jesuítica”. No entanto, as hierarquias procuravam que o

⁵⁷ Cruz, *Sequestro dos bens dos regulares da Companhia de Jesus no Pará, Maranhão e Piauí*, 21.

⁵⁸ AHU, *Documentos Avulsos da Bahia, Catálogo Castro e Almeida, Inventário dos bens confiscados aos jesuítas em Pernambuco (1761)*, Caixa 26, Doc. 5008, f. 165.

⁵⁹ ARSI, Bras. 28, *Inventário do Col. do Pará*, f. 10 e f. 13v; *Lista do que possuía o Colégio do Maranhão na Fazenda de S. Bras em tempo em que a sequestrou para a fazenda real Ignacio Gomes Leitão a 10 de Junho de 1760*, f. 30; *Inventário do que se achava no Engenho de S. Bonifacio do Maracam no dia 22 de Junho, em que foram presos por ordem de S. Majestade os Religiosos que nela estavam (1760)*, f. 32v; *Lista do que actualmente ficou na casa de N. Senhora do Pilar da Companhia de Jesus na Villa de Tapytaperá no tempo em que dela nos expulsarão, que foi aos 16 de Junho de 1760*, f. 33v.

⁶⁰ ARSI, Bras. 28, *Inventário do Colégio do Pará*, f. 10.

maior número possível de residentes e visitantes tomasse a sua refeição na primeira mesa. Deste facto, resultou naturalmente a necessidade de os refeitórios terem lugares sentados suficientes ou aproximados para o tamanho das comunidades.⁶¹ Os vários grupos também deviam ter louça e talheres próprios, como mostram as expressões louça ou talheres para os seminaristas, para os padres, para os noviços. Assim sendo, por exemplo, os copos de vidro, pelo seu maior valor, estavam destinados aos sacerdotes.⁶²

Durante as refeições, os comensais sentavam-se em assentos colectivos, ou seja, bancos ou arquibancos com e sem espaldar, mas também em assentos individuais, bancos e cadeiras. Por norma, as louças, os talheres e a roupa de mesa usados durante as refeições eram guardados neste aposento. Em alguns refeitórios, os talheres e a roupa podiam ser arrumados nas gavetas das próprias mesas onde se comia ou em mesas de apoio. Outras vezes, a louça, a roupa de mesa (toalhas de mesa e guardanapos), as toalhas para limpar as mãos, e os talheres eram guardados em caixas, baús e ou nos armários -copeiros.⁶³ Na Fazenda de Santana, os comensais colocavam os pés sobre “estradinhos”.⁶⁴

A análise dos espaços residenciais jesuítas de Setecentos no Brasil demonstra que estas comunidades viviam em ambientes com uma clara organização e distribuição a nível de tipologias de espaços. Sem dúvida, as livrarias eram imprescindíveis no quotidiano jesuíta. Como actualmente, estes espaços caracterizavam-se pelas estantes para os livros, tendo ainda uma pequena capela ou um oratório junto à parede. Ao centro, encontrava-se uma mesa de trabalho com cadeiras e/ ou bancos. Alguns destes espaços apresentavam uma maior elaboração, como acontecia na livraria do Colégio do Pará, na qual os leitores se sentavam em cadeiras com braços e coxins de damasco.⁶⁵ Em especial, quadros e esculturas honravam S. Jerónimo, padroeiro dos livreiros, e Nossa Senhora.

As portarias, devido ao facto de servirem de salas para receber visitantes, eram, com frequência, cuidadosamente decoradas. Todos estes espaços tinham sempre um altar com uma ou mais imagens. Em alguns destes

⁶¹ Osswald, *Interiores das casas jesuítas em Portugal por altura da Supressão: Excertos dum Quotidiano*, op. cit.

⁶² ARSI, Bras. 28, *Lista do que possuía o Colégio do Maranhão na Fazenda de S. Bras em tempo em que a sequestrou para a fazenda real Ignacio Gomes Leitão a 10 de Junho de 1760*, f. 29.

⁶³ ARSI, Bras. 28, *Inventário da Fazenda de Gibrié (1761)*, f. 12; e *Inventário do Colégio do Pará (1761)*, f. 10, *Lista do que tinha o Colégio do Pará na Fazenda de Itybrajuba a 18 de Junho de 1760*, f. 13.

⁶⁴ Melo Morais Filho, “Treslado do autto do inventário da real fazenda de Santa Crus e bens que nella se acharam”, 6 de Maio de 1768”, op. cit., 74.

⁶⁵ Bras. 28, *Inventário do Colégio do Pará (1761)*, f. 28.

espaços existiam móveis de guardar, como caixas e armários para paramentos e alfaias da igreja.

As instituições jesuítas no Brasil tinham, quase sempre, aposentos para guardar os vários utensílios necessários à vida em comunidade. Para além das procuraturas, aposentos nos quais se guardavam todo o tipo de objectos utilitários, e ainda objectos de ferraria, referimos as dispensas para os produtos alimentares, e as rouparias para as roupas de mesa e para roupas dos membros das comunidades.

Curiosamente, em Portugal, como no Brasil, os corredores das casas jesuítas, que, por definição são espaços de passagem, eram espaços fortemente marcados pelo gosto por uma profusa decoração. Este gosto é visível, tanto a nível da quantidade, como da variedade e da riqueza dos objectos. Para além das lâmpadas e de outros objectos de iluminação, a documentação refere relógios de parede, mapas, quadros e algumas mesas.⁶⁶

Ao contrário da actualidade, os lavabos ou retretes na linguagem coeva, eram espaços que podiam ser colectivos e que desempenhavam várias funções, tais como o repouso e a catequese, merecendo, por isso, um cuidado especial. Assim, no primeiro andar do Colégio do Maranhão, este aposento tinha cinco arquibancos com encostos para os padres e outros religiosos descansarem. Nas paredes pendiam mapas mundi, estampas, e mesmo quadros com os retratos de jesuítas ilustres, entre eles, S. Francisco Xavier, o Apóstolo do Oriente, e o Padre António Vieira, um dos mais ilustres missionários do Brasil. Nos lavabos do andar inferior do Colégio do Maranhão, “onde todos os dias se fazia doutrina aos escravos e servos, estava em hum nicho uma imagem de N. Sra. com sua coroa de prata, e seria a imagem de palmo e meio ou dois palmos.”⁶⁷

Os cubiculae

Com excepção dos servos, os membros das comunidades jesuítas do Brasil dormiam em cubiculae. A decoração destes espaços demonstra que os mesmos detinham uma múltipla função de espaços para dormir, realizar tarefas de higiene, trabalhar, de devoção e ainda de lazer.

Os objectos praticamente obrigatórios eram um móvel de repouso, um móvel de suporte, um móvel para guardar os pertences, um móvel de assento e ainda um candeeiro ou objecto de iluminação. Em muitos destes cubículos

⁶⁶ Osswald, *Interiores das casas jesuítas em Portugal por altura da Supressão: Excertos dum Quotidiano*, op. cit.

⁶⁷ ARSI, *Brasil 28, Inventário do Colégio do Maranhão (1761)*, ff. 23 e 23v.

foram inventariados relógios de mesa. Encontrei ainda a referência a um relógio de algibeira, pertença dum padre vivendo no Colégio do Recife.⁶⁸

Os ocupantes dos cubículos dormiam em leitos, barras, catres (camas de desmontar) de madeira, como o vinhático, às vezes, chapeados de ferro, ou redes. A roupa era guardada, predominantemente, em caixas e baús, estes últimos, muitas vezes, encourados, tendo alguns cubículos cabides.⁶⁹ As estantes para livros eram também uma peça de mobiliário omnipresente nos aposentos privados dos membros destas comunidades religiosas. Entre os móveis de guardar, encontrámos ainda referência esporádica a mobiliário mais elaborado, como armários (o reitor do Colégio do Recife tinha um imponente armário com vinte e duas gavetas no seu cubículo), contadores, que se difundiram no Brasil a partir do séc. XVII, e ainda cómodas características da centúria de Setecentos, como demonstra a sua frequência nos inventários dos autos da devassa da inconfidência mineira.⁷⁰

Os ocupantes destes aposentos sentavam-se em tamboretos, mais raramente, em cadeiras sem ou com braços, e escreviam em bancas, mesas, escrevaninhas ou escritórios, e bofetes. Sobre estes móveis encontravam-se tinteiros também designados por escrevaninhas, e que, no seu sentido mais amplo, são bandejas ou tabuleiros contendo os objectos necessários para a escrita, tais como penas, boiões com tinta e areiros (recipientes com areia fina para secar tinta).⁷¹

É provável que os ocupantes dos cubicalae realizassem algumas das suas tarefas de higiene pessoal no interior destes espaços privados. Pois, foram inventariadas bacias da barba, bacias de lavar as mãos e os pés, escarradeiras e mesmo bacias ou tinas para o banho em vários cubículos.⁷²

Enquanto espaços ocupados por homens de religião, os espólios de todos os cubicalae inventariados continham objectos destinados à devoção dos seus ocupantes: imagens ou esculturas sacras, oratórios sobre as cómodas, registos e ou estampas, relicários, crucifixos de metal. Pela sua dimensão,

⁶⁸ AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, Ofício de Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, D. 7690, f. 3.*

⁶⁹ *ibid*, f. 4.

⁷⁰ ARSI, *Brasil 28, Inventário do Colégio do Pará (1761)*, f. 8. Cx 98; AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, D. 7690, Ofício Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife*, ff. 3, 13; Couto, *O Colégio dos Jesuítas do Recife e o destino do seu património (1759-1777)*, vol. I, 181; e Garcia, *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira (1789-1791)*, vol. V.

⁷¹ AHU, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Pernambuco, D. 7690, Ofício Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife*, f. 4.

⁷² ARSI, *Bras. 28, Inventário do Colégio do Maranhão (1761)*, f. 27; *Lista do que possuía o Colégio do Maranhão na Fazenda de S. Bras em tempo em que a sequestrou para a fazenda real Ignacio Gomes Leitão a 10 de Junho de 1760*, f. 28.

entre os objectos de devoção que mais determinavam o espaço, destacavam-se os oratórios com a imagem de Cristo Crucificado sobre cómodas.

A legislação jesuíta está repleta de leis limitando ou proibindo a visita de jesuítas e sobretudo não jesuítas aos cubiculae. No entanto, a proliferação de frasqueiras, serviços completos ou incompletos e usados de chá, café ou chocolateiras e ainda de recipientes com os mesmos produtos, açúcar e caixas de doces ou marmelada nestes interiores estará relacionada com o hábitos dos ocupantes destes espaços receberem convivas. Seguiam, com isso, um hábito também enraizado entre os congéneres portugueses.⁷³

Compreensivelmente, a decoração dos cubiculae reflecte, muitas vezes, não apenas a riqueza da própria comunidade, como a posição hierárquica do seu ocupante. É o caso já mencionado do cubículo do reitor do Colégio do Recife à data de Supressão, no qual se encontravam um imponente armário de vinte e duas gavetas e um painel de madeira pintado com a Crucifixão.⁷⁴ Por sua vez, no cubículo do responsável da Vila da Vigia existia uma imagem de Nossa Senhora em prata e um relógio com caixa em charão.⁷⁵

Conclusões

A análise dos ambientes jesuítas do Brasil de Setecentos mostra que os mesmos acompanham as principais tendências europeias e locais. Neste contexto, e não obstante o voto de pobreza dos seus ocupantes, os ambientes em análise eram marcados por um discurso de luxo e de riqueza, incluindo um apreço por objectos exóticos, porventura importados do Oriente. De igual modo, não podemos esquecer que os objectos difundidos nos ambientes em análise reflectem o gosto contemporâneo e, tantas vezes, pouco religioso, das “novas bebidas exóticas”.

Naturalmente, as especificidades do contexto geográfico -cultural brasileiro tiveram amplas consequências a nível habitacional, incluindo entre os membros das comunidades jesuítas. Por um lado, chamamos a atenção para a popularização de mobiliário executado nas madeiras locais. Por outro lado, o contexto local reflectiu-se na difusão de objectos como cocos para beber aguardente ou das redes índias para dormir.

⁷³ Osswald, *Interiores das casas jesuítas em Portugal por altura da Supressão: Excertos dum Quotidiano*, op. cit.

⁷⁴ AHU, Cód. 98, *Livro de registo de provisões, do Conselho Ultramarino, Ofício de Ofício Bernardo Coelho da Gama, 1762, Agosto 6, Recife, D. 7690, f. 4.*

⁷⁵ ARSI, Bras. 28, *Inventário da Casa da Companhia de Jesus na Vila da Vigia (1761)*, f. 15.

Finalmente, diferentes tipologias de mobiliário e louça estavam também claramente destinados ao uso dos diferentes grupos no interior das comunidades e de visitantes.